

Gravura



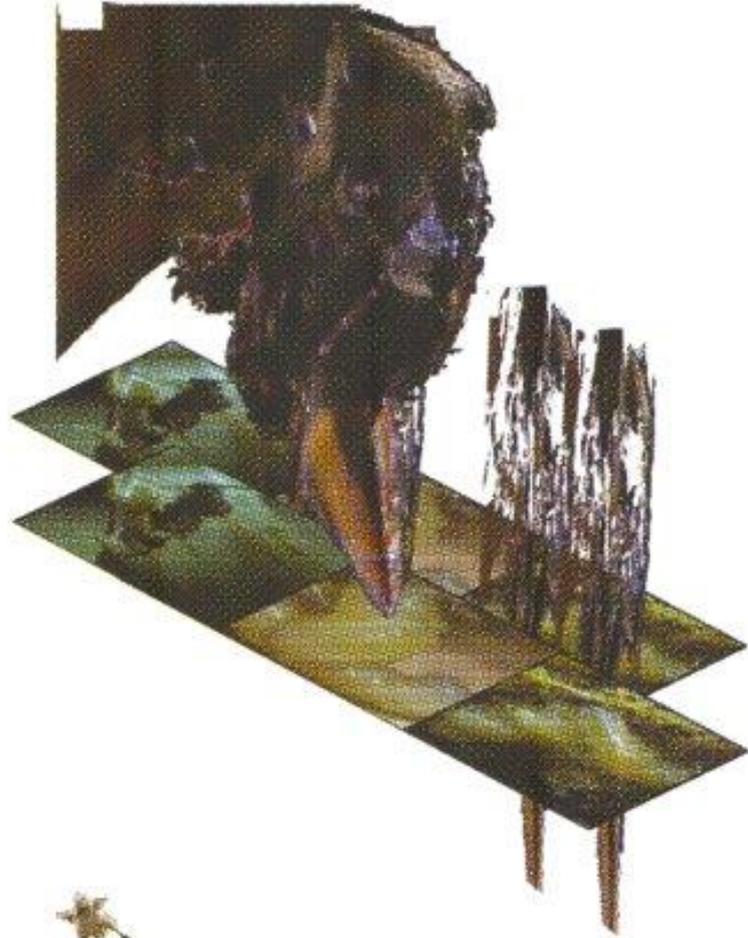
O exílio pode ser visto como uma transição, um despegar. Pode ser um processo tanto doloroso como libertador. Trata-se da escolha de sair do país onde se nasceu e cresceu, de onde remontam as nossas raízes culturais, os nossos apegos emocionais e as nossas ligações de sangue.

Por outro lado, é a escolha (ou necessidade) de se libertar de um organismo profundamente decadente e opressor, como foi Portugal na época do fascismo.

Na minha gravura decidi celebrar a coragem do exilado e a força de escolher ser livre sem ignorar o processo que é desapegarmo-nos do nosso berço e começar de novo.

Portanto, a minha proposta final é uma espécie de díptico. Do retângulo inferior esquerdo emana o silêncio, a opressão, a rigidez e rispidez do velho regime. Como que se de um desfiar se tratasse, o exilado puxa-se para fora desse território, mas é um processo que começou, e os fios do apego e do passado insistem em ligá-los aos dois.

Serigrafia



*Ardea*

Decidi fazer uma pesquisa de fenômenos naturais.

A cadeia alimentar, os insetos que se comem depois do acasalamento, as flores que se revelam terríveis armadilhas... enfim. Os sacrifícios parecem surgir a qualquer virar da esquina em nome da sobrevivência.

A natureza está cheia de situações cruéis, e altamente metafóricas.

Neste projeto apropriei-me das metáforas para construir uma paisagem da opressão e do exílio. O processo consistiu em retirar um conjunto de imagens de diferentes vídeos e documentários sobre a vida animal. Tratei-as de forma a explorar o seu valor estético, mas cada uma é representativa de casos naturais cheios de valor metafórico, que vão desde os tais processos de acasalamento e de reprodução dos insetos até à primeira experiência de voo do Ganso-de-faces-brancas.

As imagens foram reunidas pelo ambiente que causavam mas especialmente pelo que representavam. Construí uma figura de cores nefastas, de cortes bruscos e lancinantes e cujas peças não são nada mais que pedaços da vida animal que associei com toda a facilidade a qualquer fascismo. No canto inferior esquerdo vê-se uma cria de ave em lado nenhum, como que a cair para o desconhecido. É o exilado, que se vê obrigado a saltar de um lugar injusto, como que a abandonar um navio, sem certezas do que o espera do outro lado.